

HISTÓRIA

Biógrafa de FH reconhece dificuldades

Jornalista francesa que está lançando livro sobre Fernando Henrique conta como levantou material sobre a vida do presidente, de quem nunca tinha ouvido falar até 1994

CLÁUDIA DIANNI

A partir de segunda-feira, as livrarias do Brasil e da França começam a vender o primeiro perfil biográfico do presidente Fernando Henrique Cardoso. Escrito por uma jornalista francesa, Brigitte Hersant Leoni, o lançamento do livro coincide com uma fase em que o presidente desfruta de grande popularidade ao mesmo tempo em que a aprovação da emenda que permite a reeleição está praticamente garantida.

No livro *Fernando Henrique Cardoso, o Brasil do Possível*, o presidente é descrito como um homem elegante, competente e moderado. "Este é apenas um perfil dele, não é o único", defende-se Brigitte, que tem sido acusada de ter produzido um livro que traça um perfil extremamente positivo de Fernando Henrique.

O livro é resultado de um trabalho baseado em depoimentos de mais de 50 pessoas que acompanharam a trajetória política do presidente, entre elas o antropólogo Darcy Ribeiro, o sociólogo Florestan Fernandes, o deputado Almino Afonso (PSDB-SP), o senador Eduardo Suplicy (PT-SP), e parentes de Fernando Henrique, além de textos de jornais. Ela conta que teve dificuldades na pesquisa porque encontrou poucos artigos sobre Fernando Henrique na imprensa. Brigitte observa que no Brasil se es-

creve pouco sobre políticos. Correspondente do serviço francês da BBC de Londres, Brigitte chegou ao Brasil em agosto de 1994, em plena efervescência da campanha eleitoral para a Presidência. Na terça-feira, ela concedeu entrevista ao *Estado*, um dia depois de entregar o livro ao presidente em Brasília. "Estou aguardando as críticas para ver se ele se reconhece no retrato que fiz", disse.

Estado — Por que a senhora decidiu escrever um livro sobre o presidente Fernando Henrique Cardoso? A senhora já o conhecia antes de vir para o Brasil?

Brigitte Hersant Leoni — Não, eu nunca tinha ouvido falar sobre ele antes. Cheguei ao Brasil em agosto de 1994 porque meu marido, que trabalha em um banco, foi transferido para cá. A campanha eleitoral para a Presidência estava no auge e a maneira de ser de Fernando Henrique me chamou a atenção. Havia dois aspectos que me interessavam muito: o fato de

ele ser sociólogo — é raro um intelectual chegar ao poder — e seu aspecto meio europeu. Ele tem um lado mais racional, não tão emocional como a maioria dos políticos brasileiros. Isso era interessante e eu quis saber mais sobre ele, então comecei a ler as reportagens para a campanha e a anotar os nomes das pessoas que o acompanhavam. Comecei com uma entrevista com Alain Touraine, na França. Quando eu procurava uma pessoa, ela me indicava outra. No fim, eu tinha cerca de 50 depoimentos.

Estado — O fato de ser francesa facilitou seu trabalho ou o acesso ao presidente?

Brigitte — Não sei se isso ajudou, talvez sim. No começo eu queria fazer um livro para o público francês, que poderia descobrir um Brasil diferente, não só o Brasil do samba, do futebol e dos meninos de rua, mas um país onde há uma nova geração de políticos interessada em mudanças. Eu achava que o presidente Fernando Henrique era uma pessoa diferente e resolvi contar isso. Acho que o livro tem

**CONTATO
COM O
RETRATADO
RESUMIU-SE
A UMA
CONVERSA DE
50 MINUTOS**

material para uma pessoa que não sabe nada do presidente e quer conhecer sua formação. Creio que o livro relata a história dos últimos anos da política brasileira de uma maneira leve. Minha intenção era escrever um livro sério, mas que pudesse ser lido por uma pessoa que não tem muitos conhecimentos políticos. Quería que fosse uma leitura fácil, que atingisse o público universitário. Aqui há muitos jovens que não sabem quem é esse presidente e não conhecem também a história recente. Infelizmente, no Brasil há poucas biografias. Esta foi uma dificuldade que encontrei. Não havia nenhum perfil biográfico de Fernando Henrique Cardoso. Não havia nada sobre ele. Eu só encontrei cerca de 15 entrevistas com ele, com as quais trabalhei. Isso não é nada, mas é incrível porque ele é o presidente. Acho que os jornalistas brasileiros deveriam escrever mais sobre os políticos do País.

Estado — Qual foi sua principal fonte de informação? A senhora esteve com o presidente muitas vezes?

Brigitte — Na parte histórica eu trabalhei com Thomas Skidmore e Boris Fauto, mas minha fonte principal foram os jornais e depois os depoimentos das pessoas. Eu falei com o presidente durante 50 minutos e conversei com Ruth

Cardoso por duas horas. Também me ajudaram Gilda Cardoso e David Zylbersztajn, o genro de Fernando Henrique. Eu quis falar com o presidente uma segunda vez, mas a assessoria de imprensa me informou que só poderia fazer perguntas por fax.



Brigitte Hersant Leoni: "Ok, eu fiz elogios, mas vocês também não fizeram muitas críticas"

Estado — Em seu livro, a senhora descreve o presidente Fernando Henrique como um homem ético, conciliador, competente, elegante, charmoso e bem-sucedido na vida política e acadêmica. Não é muito elogio? Em algum momento a senhora encontrou algum defeito no presidente?

Brigitte — Há muitas pessoas que dizem que o livro é muito elogioso. Mas ele não foi feito para fazer elogios, absolutamente. Eu estava preparada para escrever tudo, o lado bom e o lado mal, mas como não sou uma especialista e não estava no Brasil no período que conto no livro, minha base foram os depoimentos e o material de que dispunha, que eram substancialmente os artigos dos jornais. Ninguém tinha pesquisado para encontrar coisas ruins sobre Fernando Henrique Cardoso, não escreveram coisas más sobre ele. Ok, eu fiz elogios, mas vocês também não fizeram muitas críticas e meu trabalho foi o resultado do que eu encontrei documentado aqui. As pessoas falaram bem dele. Mesmo os intelectuais que compartilharam momentos com ele e hoje se afastaram, até mesmo os que militam no PT, foram generosos com o presidente. Eles o respeitavam muito. Fernando Henrique é uma pessoa muito vaidosa. Eu acho que ele gosta do poder e é um homem oportunista. Mas é também muito irônico e às vezes um

pouco mordaz. Mas isso não chega a ser uma crítica, apenas um lado de sua personalidade.

Estado — Em seu livro há depoimentos de muitos intelectuais que acompanharam Fernando Henrique, mas não há depoimentos de adversários do presidente. A senhora não os procurou?

Brigitte — Eu conversei muito com Eduardo Suplicy. Ele acompanhou Fernando Henrique por muito tempo, mas depois eles se afastaram. Foi muito interessante porque ele é um dos poucos que, apesar de ser um adversário político, pôde falar de uma maneira crítica e inteligente. Eu quis falar com Olavo Setúbal e Luiz Inácio Lula da Silva, mas eles não quiseram. Eu também tentei entrevistar Orestes Quércia, mas ele desmarcou a entrevista duas vezes. Eu não encontrei inimigos declarados de Fernando Henrique, mas também não queria falar com pessoas que apelassem para qualquer tipo de baixaria, queria manter o nível. Houve um momento em que percebi que as entrevistas se repetiam. As pessoas me contavam as mesmas coisas, então decidi que já era hora de escrever.

Estado — Há momentos no livro em que a senhora questiona a verdadeira intenção do presidente sobre determinadas decisões. Apesar de sugerir uma certa ambigüidade na personalidade de

Fernando Henrique, a senhora justifica as escolhas do presidente com os depoimentos. Por que a senhora não se aprofundou nesses pontos?

Brigitte — Porque deixo espaço para que outras pessoas que conhecem mais o presidente façam outros perfis. Esse é um perfil biográfico e não o único, nem deve ser o último. Acho que o livro conseguiu reunir informações sobre Fernando Henrique. Os jornalistas já sabem porque estão em contato com ele, mas as pessoas, de um modo geral, não sabem um quarto do que está escrito no livro sobre o homem que é o presidente do Brasil. Uma jornalista que fica aqui dois anos não pode escrever uma biografia completa, esta é uma tarefa para um brasileiro. Acho que aqui há muito espaço para isso. É verdade que na França o presidente François Mitterand teve 140 biografias, o que é um exagero, mas aqui não havia nenhuma. E se o livro pode servir para estimular os jornalistas brasileiros a escrever outros perfis, ótimo.

Estado — Quais os livros escritos pelo presidente que a senhora leu?

Brigitte — Li *Teoria da Dependência*, a tese sobre a questão racial — *Cor e Mobilidade Racial em Florianópolis* —, *Autoritarismo e Democratização e Democracia para Mudar*, que é um livro muito interessante. Nele, dá para entender por que ele preferia apoiar o general Euler Bentes por que não aderiu ao PT.

Estado — Por que a senhora decidiu publicar o livro agora, quando Fernando Henrique ainda está no meio do período de governo para o qual foi eleito? Não seria melhor publicá-lo no final do mandato? O livro termina na posse...

Brigitte — Eu queria ter terminado em dezembro, mas demorei

porque fiz um trabalho de revisão histórica com Dora Rocha, da Fundação Getúlio Vargas. Mas não tem nada a ver com a reeleição, eu nem sabia que isso ia acontecer. Na verdade, eu poderia ter terminado no ano passado, mas engravidei e tive de adiar os projetos. Quis parar no dia da posse porque o mandato é assunto para um outro livro.

Estado — A senhora gostaria de escrevê-lo?

Brigitte — Não. Honestamente, acho que isso deveria ser feito por um brasileiro. Eu nunca quis favorecer o presidente, mas no final da minha pesquisa o lado bom aparecia mais do que o mal. Se alguém quiser falar mal dele, eu estou disposta a receber as críticas, mas algo substancial, não especulação. Claro que todo mundo tem um lado opaco, mas no caso do presidente Fernando Henrique Cardoso acho que não é o lado mais relevante.

Estado — No capítulo 4, sobre o grupo de intelectuais que se reunia para debater O Capital, a senhora procura ressaltar que, já naquela época, em 1958, o presidente não se definia como um esquerdista ortodoxo. A senhora também destaca muito o livro Teoria da Dependência, em que Fernando Henrique fala da importância do capitalismo periférico e das multinacionais. Houve uma preocupação em justificar a atitude do presidente, que é acusado de ter mudado o discurso político?

Brigitte — Exatamente. Uma das características que eu encontrei no presidente é de não ser dogmático. O presidente não é um pensador, é um acadêmico bem-sucedido, mas não tem uma obra extensa como a de outros intelectuais. Eu acho que ele acompanha o tempo, é um progressista. Fernando Henrique foi sempre um ponto entre a esquerda e a direita. Foi um articulador e é por isso que foi eleito. No mundo intelectual, por exemplo, ele era marxista, mas ouvia não marxistas porque aceitava as críticas. Na verdade, o caráter do presidente nunca mudou, a vida dele tem uma certa coerência. É verdade que o mundo mudou e o discurso que ele tinha sobre as diferenças de classes e o desenvolvimento era um pouco diferente, mais marxista, mas naquela época se falava assim. Hoje, estamos em uma outra realidade. É mais fácil dizer que as pessoas mudam, mas eu acho que ele acompanhou o tempo.

Estado — Quais os livros escritos pelo presidente que a senhora leu?

Brigitte — Li *Teoria da Dependência*, a tese sobre a questão racial — *Cor e Mobilidade Racial em Florianópolis* —, *Autoritarismo e Democratização e Democracia para Mudar*, que é um livro muito interessante. Nele, dá para entender por que ele preferia apoiar o general Euler Bentes por que não aderiu ao PT.